

De: SILVA CARVALHO

NENHUM TÍTULO RESTITUIRÁ A REALIDADE

Em 1971, das Editions Gallimard, ainda presidida por Robert Gallimard, recebo em 2 de Novembro, em Paris, uma pequena carta que passo a transcrever na sua originalidade prístina:

Monsieur,

Nous vous remercions d'avoir bien voulu nous confier votre recueil de poèmes et nous nous excusons de vous répondre avec tant de retard.

Il y a une vraie originalité de vision et de pensée dans cette poésie "philosophique" et votre démarche, très personnelle, est des plus estimables. Mais l'expression baroque, embarrassée, grinçante de ce "discours philosophique" en vers, dont l'originalité interne aboutit à une bizarrerie extérieure tout à fait stridente et rapeuse, a vivement déconcerté notre Comité de Lecture. C'est pourquoi, malgré le sentiment d'être devant quelqu'un de pas banal, d'une force réelle, il n'a pas cru devoir retenir votre recueil pour la publication. Croyez que nous le regrettons vivement.

Segue-se aquele paleio de chacha que é comum nestas cartas de editores, e não só. Mas devo desde já dizer que, em mais de trinta anos de vida literária, esta recusa de publicação assim explicitada foi, por antiparástase (figura de retórica que consiste em um acusado sustentar que deveria ser louvado e não censurado, embora tenha cometido a acção de que o acusam), a melhor recensão crítica que alguma vez fizeram à globalidade da minha obra, antes tida ainda como poética e depois compreendida e assumida como porética (1). Daí que seja bom traduzir aquele bocado de prosa a todos os títulos revelador. Eis a tradução tentada:

Agradecemos-lhe de nos ter enviado o seu manuscrito de poemas e pedimos desculpa de lhe responder com tanto atraso.

Há uma verdadeira originalidade de visão e de pensamento nesta poesia "filosófica" e a sua atitude, muito pessoal, é das mais estimáveis. Mas a expressão barroca, embaraçada, rangente desse "discurso filosófico" em verso, cuja originalidade interna vai dar numa excentricidade exterior completamente estridente e áspera, desconcertou vivamente o nosso Comité de Leitura. É por isso que, apesar do sentimento de se estar diante de alguém que não é banal, com uma força real, ele pensa que não deve guardar o seu manuscrito para publicação. Acredite que o lamentamos vivamente.

Ser-me-ia agora fácil dizer em que é que esta pequena recensão acertou: em quase tudo. Só que a sensibilidade poética dos começos dos anos setenta em França estava completamente alheia a uma estética que viria a ser apodada nessa mesma França de pós-modernista apenas nos anos oitenta, e mesmo assim com muitos conflitos e de uma maneira ambígua e confusa, pois que o conceito subjacente a pós-modernista adquiria matizes europeizados que nada tinham que ver com o movimento ou a atitude norte-americana onde o termo tinha aparecido pela primeira vez.

Não é favor que me fazem afirmar que a minha escrita é verdadeiramente *original* e *filosófica*. E se isso tem escapado à crítica portuguesa, que nunca soube o que era a filosofia por estas paragens, não poderia escapar à tradição francesa acostuada a lidar com o pensamento desde há muitos séculos. O problema, para os pobres leitores do Comité de Leitura, estava todo na expressão. *Expressão barroca, embaraçada e rangente* foi a maneira como eles cartesianamente e racionalmente puderam exprimir o que lhes era ainda desconhecido, não sem inteligência, como se poderá ver, pois que se *barroca* é um termo, aliás trazido da Índia pelos portugueses, para uma pérola defeituosa, não se estaria muito

longe do que veio mais tarde a ser, por mim proposta e em contradistinção com a Estética da Perfeição do século XVIII de que fala Gadamer num dos seus famosos livros, uma Estética da Imperfeição. *Embaraçada* também não é um mau adjectivo, já que nessa estética do *à rasca*, como aparece a expressão em textos meus, o embaraço é um dos traços fundamentais do avanço porético, de quem tateia à procura de um caminho que desconhece e que tem de descobrir ou de inventar em cada passo que lança nas areias movediças da língua e do mundo, com muita hesitação e não menos regressos atrás compungidos, isto é, de quem não domina a situação linguageira nem humana em que se encontra envolvido. *Rangente* não deixa de ser um excelente adjectivo para dar conta dos *ruídos* que são todos os vocábulos que a nova escrita comporta: palavras desconhecidas e esquecidas na solidão dos dicionários aparentemente inúteis, neologismos que foram necessários inventar para novas realidades do pensamento como da acção, mas não só, também toda uma sintaxe que começou a ser finalmente música contemporânea com ritmos e rimas internas e externas que fazem muitas vezes enlouquecer a razoabilidade do discurso e tornam a leitura um grande campo de batalha semiótico.

Eu mesmo tive a oportunidade de conhecer uma das leitoras do Comité de Leitura da Gallimard do começo dos anos setenta. O seu poeta preferido era Paul Eluard. Não admira pois que a minha escrita os tenha *vivamente* desconcertado.

Que há a dizer de tudo isto? Que a Gallimard teve, historicamente falando, a oportunidade, nos anos setenta, de introduzir o pós-modernismo em França, mas que, devido à incapacidade cultural dos membros do seu Comité de Leitura, não foi sensível àquilo que depois surgiria, com um atraso considerável, nos anos oitenta, justamente pelas mãos sobretudo dos seus filósofos. Isto de se estar uma década de avanço no que diz respeito aos factos de sensibilidade e de pensamento é sempre um pouco triste. Mas aqui, isto é, em Portugal, como em França, não há nada a fazer. Não levou cinquenta anos para que Pessoa finalmente fosse reconhecido no resto da Europa?

Devo acrescentar que, por esta altura, insatisfeito como estava com a tradição poética francesa do século vinte, em que a excepção era Artaud (não me tinha apercebido, infelizmente, da importância de Ponge (2), que venho a reconhecer muito mais tarde, só nos anos noventa), eu desconhecia por completo o que se passava com a poesia americana. Nomes como o de Charles Olson (3) eram-me completamente desconhecidos, e se o menciono é porque foi ele que cunhou o termo de pós-modernismo nos Estados Unidos ainda nos anos cinquenta. Só na minha estadia em Londres (1974/1975) é que descobro a existência de Wallace Stevens, de William Carlos Williams e de Robert Lowell. Foi aí que descobri, para lá do começo de uma possível tradição que Pessoa tinha significado para mim antes da minha ida para França (pois que o segundo elo dessa tradição, Sena, só o venho verdadeiramente a conhecer no meu regresso a Portugal depois de 1975), e pela primeira vez, que tinha ou havia uma *anterioridade* para a minha poesia noutra continente e noutra língua, o inglês. Foi-me preciso mais algumas décadas para finalmente ligar a *linguagem porética* e a *estética da imperfeição* ao heterónimo Alberto Caeiro (4) de um Pessoa que eu sabia que me tinha sido fundamental sem ter compreendido muito bem porquê ou como. Eis as vicissitudes do acaso. No que respeita aos poetas americanos mencionados, sobretudo a Wallace Stevens e a William Carlos Williams, tidos geralmente como modernistas nos manuais escolares, é preciso compreender que eu sou daqueles, como muitos críticos e comentadores americanos, que pensam que estes dois poetas fazem a ponte do modernismo para o pós-modernismo, Stevens com os *long poems* do final da sua vida e Williams sobretudo com o poema-livro *Patterson*.

No entanto, nem todos ficaram insensíveis à minha escrita por essa altura. Em Setembro de 1974, estava eu já em Londres, recebia uma carta de um produtor da France-Culture, por interposta pessoa e ainda dirigida à Rue Soufflot de Paris, a propósito de um livro que entretanto publicara na casa de edições La Pensée Universelle, em 1973, chamado *Les Trois Ages*. Rezava assim essa carta:

Cher Monsieur,

Votre éditeur a dû vous dire que je citais un passage de vos "Les Trois Ages" dans une émission de France-Culture sur la poésie d'aujourd'hui. J'ai été très frappé par la force et l'authenticité de votre poésie. C'est si rare – vous ne pouvez pas savoir comment c'est rare. Et parmi tant de publications diverses : un cri. Le vôtre. Ecrivez-vous toujours ? Je l'espère bien. Comme je ferai d'autres émissions de poésie et comme j'aimerais vous connaître, voudriez-vous m'appeler (le matin vers 9 h) ou m'écrire ?

J'en serais très heureux, nous pourrions nous rencontrer, peut-être auriez-vous des textes récents que je pourrais lire ? Je vous redis mon admiration et ma sympathie.

Passo a traduzir :

O seu editor deve ter-lhe dito que eu citava uma passagem do seu "Les Trois Ages" num programa da France-Culture sobre a poesia de hoje. Fiquei muito impressionado pela força e pela autenticidade da sua poesia. É tão raro – não pode saber quão raro é. E entre tantas publicações diversas: um grito. O seu. Continua a escrever? Espero bem que sim. Como farei outros programas de poesia e como gostaria de o conhecer, poderia telefonar-me (de manhã pelas 9 horas) ou escrever-me?

Ficaria bastante feliz, poder-nos-íamos encontrar, talvez tivesse textos recentes que eu pudesse ler. Volto a repetir a minha admiração e a minha simpatia.

Vim a conhecer este produtor da rádio e a maneira como tinha feito a triagem do livro que mereceria uma citação nesse programa da France-Culture. Eu possuo, aliás, uma cassete, muito velhinha e deteriorada pelo tempo, com a reprodução de alguns fragmentos do programa, mas onde é audível a leitura do meu poema e a prévia introdução que aí se faz ao mesmo. Disse-me o senhor que percorrera várias editoras de poesia de Paris onde arrecadara uma centena de livros de poemas, que tivera a pachorra de os ler um a um, até ficar com três para decidir qual deles seria o escolhido. Finalmente decidiu-se pelo meu pela pungência do seu conteúdo. De tal maneira estava convencido de estar diante de alguém de «pas banal» que imediatamente me disse que, quando eu fosse descoberto como o grande poeta que era, não poderiam esquecer que fora ele o descobridor. Estes franceses, quando toca à cultura e à sua divulgação, são terríveis! Até se preocupam com ninharias.

Talvez seja o momento de dar a conhecer esse poema. Encontra-se pois no livro **Les Tois Ages**, e é o décimo da sua primeira parte, pois que o volume se divide em três partes: **La Haine, La Solitude e La Folie** (O Ódio, A Solidão, A Loucura). Embora não apareça dito no livro, ele foi-o dedicado, implicitamente ou secretamente, a três homens que me impressionaram bastante na minha juventude: Artaud, Van Gogh e Nietzsche. Pensando eu, na altura, que as suas *démarches* tinham coincidido com esses três momentos em que o livro se dividia. Ei-lo:

10

**On a su ornamenter les natures et les glaces,
on a su masquer les réalités et les chasses,
on a su dire devant la misère de la solitude
que l'homme était une ombre et la terre un rut ;
mais je sais que le mensonge ne m'aura pas si facilement,
je prends mes bras pour le devoir de la masturbation,
je culbute mon 'je' dans une fête de carnages bleus,
et chaque douleur est un rythme de sperme, une grimace,
et chaque trace de mon soupir accompli est une farce
dans les climats souterrains où mon âme dépérie vit !**

**J'ai voulu aimer la haine et la rage et la colère,
j'ai essayé de tuer le arômes et les effluves humains,
j'ai arraché à mon cœur la flamme douloureuse de l'amour,
et pourtant je ne suis pas encore la machine voulue !**

**Je veux me venger ; regagner les champs où l'assassinat traîne,
et de mes propres mains je veux étrangler le mensonge étourdi,
ramasser les ordures qu'on nous a dites nécessaires,
et les brûler dans un feu immonde de désir et de sang ;
je veux connaître le visage asservi de la corruption,
cracher sur les yeux endoloris de la maladie insupportable,
mendier dans chaque quartier parmi les richesses inouïes,
et empaler les hommes à la toison d'or des modernités maudites !**

**Que la nuit ne porte plus en elle le jour suivant,
qu'elle soit souveraine parmi les holocaustes de perdition,
que le froid gangrène les maisons des salauds, des fourbes,
que la pluie s'infilte dans les toitures somptueuses,
que les branches d'un arbre inimaginable rampent partout,
que tout reprenne de tout la clairvoyance d'une malédiction !**

**Je veux comprendre mon présent et mon angoisse ;
je veux les résoudre, les simplifier, les rendre humains,
et si besoin est, je veux meurtrir mon âme
pour mieux connaître la nature de mon songe !
Ah si, je veux le sortilège avare dans ma face,
le sourire imbu de joie sur mes lèvres crevassées,
je veux me venger des infortunes et des sorts !**

O poema, porém, não foi lido na sua totalidade. Talvez pelo tom melodramático com que acaba a terceira estrofe, aquelas «modernités maudites» (estamos ainda longe do livro especulativo de Henri Meschonnic *Modernité Modernité* (5), de 1988) de um efeito sempre fácil, e falo não contra o produtor, mas contra mim, acharam por bem fazer ecoar essas palavras premonitórias num abalo de uma música de fundo que lhe empresta um fim *retentissant*, como diriam os franceses, pondo-lhe aí um ponto final. Mas nós sabemos que até que a morte advenha única e implausível, não há verdadeiramente fim. Há sempre continuação, duração, recomeços, repetições, rotinas, enfim, vida, que é o que mais nos ocupa e preocupa.

Escusado será dizer que, regressado a Portugal, a aventura poética em língua francesa deu-se por terminada. O francês serviu-me apenas para continuar a ler alguns livros vindo de França e sobretudo para o poder ensinar profissionalmente como professor da língua. Mas como o ensino do francês nos últimos trinta anos neste país tem andado de tal maneira de rastos, fico sempre com a sensação de que não passo dos artigos definidos *le, la, les*, sem dúvida fundamentais no começo da sua aprendizagem, mas, confessemos-lo honestamente, um pouco restritivos como horizonte mais vasto de expectativas. Quero dizer com isto que a venho perdendo pouco a pouco, como a memória desses anos vividos num Paris que nada teve de mítico. Restam desse tempo uns cinco ou seis livros escritos em francês para publicar. Quando, é da ordem do mistério. Mas o mistério será da ordem de alguma coisa?

NOTAS FINAIS

- (1) Ver SILVA CARVALHO. A LINGUAGEM PORÉTICA. Porto: Brasília Editora, 1996.
- (2) Fundamental a leitura do capítulo La Poésie mise en orbite – Francis Ponge, do livro de JEAN-MARIE GLEIZE. *POÉSIE E FIGURATION*. Editions du Seuil, 1983.
- (3) Quanto a Charles Olson, recomendo todos os artigos ou todos os livros em que WILLIAM V. SPANOS trata deste poeta americano. Para que se possa compreender a importância nele da *negative capability* de Keats e da filosofia de Kierkegaard.
- (4) Ver o meu artigo À PROCURA DE UMA TRADIÇÃO. ALBERTO CAEIRO, A LINGUAGEM PORÉTICA E A ESTÉTICA DA IMPERFEIÇÃO contido no final do livro *MEDIOCRIDADE*: Edições Aquário, 2003.
- (5) HENRI MESCHONNIC. *MODERNITÉ MODERNITÉ*. Editions Verdier, 198